

## Conversa Selada

*De Moreira Campos para a conterrânea Rachel,  
uma carta-conto para falar dos elogios recebidos*

A ENTÃO CRONISTA do Diário de Notícias, Rachel de Queiroz, faz elogios ao primeiro livro de Moreira Campos. O conterrâneo escreve-lhe uma carta-conto falando do alvoroço que tomou conta da família depois que o texto foi publicado. "A sua palavra tem a força do vento, que corre livre e forte por esses Brasis agora", comenta o amigo. O Vida & Arte teve acesso à correspondência e trouxe em sua edição do último dia 20 de julho.

Portaleza, 17 setembro 49

### 5ª Parte

Rachel amiga:

---

#### Transcrições

"Notícia de um livro", do Diário de Notícias, chegou por mim, entre sobressaltos. Ao fim de tudo, estava reconciliado com a literatura, satisfeito com os críticos e compensado do grande trabalho que me deu *Vidas Marginais*.

Adormeci feliz e creio que tive sonhos leves.

O seu artigo pôs em polvorosa a burgo. Já muita gente aqui havia falado de bem do tal caderno. Mas a sua palavra tem a força do vento, que corre livre e forte por esses Brasis agora.

Telefonemas:

- Você leu o artigo da Rachel?!

- Zênaria, parabéns!

- Puxa! Vale uma consagração.

Que quer você? Na terra são raros os triunfos. As suas palavras tiveram o valor daquela cerimônia medieval em que se consagrava o moço cavaleiro: "per tua honra e por tua dama!" Sou hoje moço de cota-de-malhas e broquel de boa tempera. A ficção será a dama subjetiva. Já trago no rosto aquele ar superior e meio

## Conversa Selada

*De Moreira Campos para a conterrânea Rachel,  
uma carta-conto para falar dos elogios recebidos*

A ENTÃO CRONISTA do *Diário de Notícias*, Rachel de Queiroz, faz elogios ao primeiro livro de Moreira Campos. O conterrâneo escreve-lhe uma carta-conto falando do alvoroço que tomou conta da família depois que o texto foi publicado. "A sua palavra tem a fôrça do vento, que corre livre e forte por êsses Brasis afora", comenta o amigo. O *Vida & Arte* teve acesso à correspondência e trouxe em sua edição do último dia 20 de julho.

Fortaleza, 17.setembro.49

Rachel amiga:

"Notícia de um livro", do *Diário de Notícias*, foi lido ontem por mim, entre sobressaltos. Ao fim de tudo, estava reconciliado com a literatura, satisfeito com os críticos e compensado do grande trabalho que me deu *Vidas Marginais*.

Adormeci feliz e creio que tive sonhos leves.

O seu artigo pôs em polvorosa a burgo. Já muita gente aqui havia falado de bem do tal caderno. Mas a sua palavra tem a fôrça do vento, que corre livre e forte por êsses Brasis afora.

Telefonemas:

- Você leu o artigo da Rachel?!
- Zémária, parabéns!
- Puxa! Vale uma consagração.

Que quer você? Na terra são raros os triunfos. As suas palavras tiveram o valor daquela cerimônia medieval em que se consagrava o moço cavaleiro: "por tua honra e por tua dama!" Sou hoje moço de cota-de-malhas e broquel de boa têmpera. A ficção será a dama subjetiva. Já trago no rosto aquele ar superior e meio

irônico que convém ao moço fidalgo, seguro de seus ancestrais e da destreza de sua esgrima.

Às vezes, por condescendência, numa mesa de café, descanso o braço sobre os copos de florete, displicente, e deixo que os pajens ensaiem incursões tímidas por essas terras minhas proibidas da literatura.

A um pigarro, recolhem-se

Acredite, Rachel, doninho do conto local. Doninho da si va. Até gente de outras épocas, incrustada ainda na rima e na métrica, ou amante das paleontologias latinas, tira-me o chapéu na rua, com sobriedade.

Atiro-lhe a mão:

– Alô!

Em casa, no âmbito doméstico, grande alvoroço. O artigo foi lido meia hora depois do jantar, para evitar emoções. Zezé, meu sogro, a sogra, os meninos espalhados pelo chão, atentos.

– Mas falta a Bá!

Exatamente. Faltava a Bazinha. Preta nossa há 30 anos. De certo, nada entende de literatura. Mas tem o faro dos cães domésticos de estimação. Quando vêm os amos alegres, de pupila brilhante, balançam a cauda, metem-se pelas pernas e acomodam-se a um canto. Numa linguagem chã: entram no furdunço. Alegria honesta, mas sem objetivo.

Pois bem. Bazinha sacudiu a saia e ajeitou-se no batente da cozinha, mão no queixo.

Ordem expressa:

– Ninguém atende o telefone! Ouvidos, apenas.

Assim, acomodadas as carnes e as almas em expectativa, eu próprio iniciei a leitura, pautado e modesto, como convém a um autor homenageado.

Exclamações:

– O quê?!

– Não diga!

– Tem isso aí?!

As cabeças se aproximaram curiosas.

Tinha!

Um exaltado:

– Esta Rachel é divina!

Você compreende êsses entusiasmos familiares. Concluída a leitura, meu sogro, com a autoridade de chefe maior do clã, bateu-me na cabeça e sentenciou, grave:

– Este tem quengo. Vai longe.

Aprovou-se o voto, por um silêncio unânime.

Aí está, Rachel, numa linguagem dinâmica, a celeuma que provocou o seu artigo, pelo qual lhe sou sinceramente grato, eu, pobre contador de histórias da província. Um abraço.